

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
16 e 20 de Março de 2023  
PAUL NEWMAN E JOAN WOOWARD

## RACHEL, RACHEL / 1968 Raquel, Raquel

*Um filme de Paul Newman*

*Argumento:* Stewart Stern, baseado no romance "A Jest of God", de Margaret Laurence / *Diretor de fotografia (35 mm, Technicolor):* Gayne Rescher / *Direção artística:* Robert Gundlach / *Música:* Jerome Moross, letra da canção por Stewart Stem / *Montagem:* Dede Allen / *Som:* Jack Jacobsen / *Interpretação:* Joanne Woodward (*Rachel*), James Olson (*Nick*), Kate Harrington (*a mãe*), Estelle Parsons (*Calla Mackie*), Terry Kiser (*o sacerdote*), Frank Coesaro (*Hector*), Bernard Barrow (*Leighton Siddley*).  
*Produção:* Paul Newman, para a Kayos Production, distribuição pela Wamer Bras / *Cópia:* digital, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 101 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 26 de Agosto de 1968 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas São Luiz e Alvalade, 3 de Janeiro de 1969 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 4 de Fevereiro de 1998, no âmbito do ciclo "Actor's Studio".

\*\*\*\*\*

Esta primeira incursão de Paul Newman como realizador é uma absoluta surpresa quando é levada em consideração a sua carreira como ator de cinema, mais exatamente como *superstar* hollywoodiana. Em 1968, Newman já havia participado em filmes bastante académicos e em outros, com maiores ambições artísticas. Todos, no entanto, pertenciam ao universo hollywoodiano e estavam condicionados pelas suas convenções. Ao passar para o outro lado da câmara optou por uma produção de baixo orçamento e deixou totalmente de lado as regras e as convenções hollywoodianas, utilizando com surpreendente à-vontade a gramática do cinema de autor menos convencional: elipses, descontinuidade narrativa e temporal, câmara na mão, escassos diálogos, cenários naturais. A isto a crítica publicada à época pelo porta-voz da grande indústria que é *Variety* chamou "*estilo cinematográfico moderno que leva o espectador à letargia*". Os *moguls* da grande indústria devem ter ficado alarmados ao verem uma vedeta de tão segura presença no *box office* lançar-se em "experiências" do género. Isto confirma que **Rachel Rachel** foi um projeto realmente pessoal, espécie de pequeno luxo que Newman ofereceu-se entre dois filmes como vedeta. Sob este aspecto, e guardadas as devidas proporções, **Rachel Rachel** pode ser posto em paralelo com outros filmes realizados por atores: **The Night of the Hunter**, **Charlie Bubbles**, **One Eyed Jacks**, com a diferença que este não foi o único filme de Newman, que voltou à realização várias vezes.

As primeiras longas-metragens costumam caracterizar-se pela ambição e pela impaciência. Uma das ambições de Paul Newman neste filme foi, como bem observou Michel Delahaye, mostrar "*um ser e o seu eco, ou um ser e o seu duplo ou um ser e sua outra vida - ou um ser e o quê?*". Newman situa com simplicidade e nitidez a vida "real" de Rachel, a sua mesquinha existência de todos os dias, a mãe, a escola, a pequena cidade onde vive. E, sem rupturas violentas, leva-nos ao "eco" ou ao "duplo" do personagem, com os arriscados *flash-backs* e as breves passagens em que ela tem fantasias sobre a realidade imediata. **Rachel Rachel** é a história de uma (tentativa de) transformação, de uma mulher de 35 anos, que vive com uma mãe dominadora e nunca

conheceu um homem. Quando isto se dá, ocorre o inevitável, a sua paixão pelo homem, seguida pela notícia de que o supunha ser uma gravidez é na realidade um quisto. Rachel decide então romper com o mundo em que vive e mudar-se para o outro extremo do país, atrás da ilusão de tudo recomeçar do nada.

Como observou o já citado Delahaye, "*deste argumento duríssimo, cheio de armadilhas, não há nada que não seja absoluta e magnificamente enfrentado, vasculhado, dominado, ultrapassado*" e isto é possível porque o sistema acionado por Newman funciona. Figuras de estilo como o *flash-back* e a voz *off* são essenciais para transmitir a ambivalência e as hesitações da protagonista e também servem para impedir que todo o peso do filme repouse sobre os ombros da atriz principal, que deste modo seria levada a enfatizar o que faz. Nada é enfático neste filme, não apenas a nível do desempenho dos atores (é curioso que um ator emblemático do "Método", como Newman, evite por completo os excessos deste "Método", a super-significação, a vontade de dar um sentido a cada gesto e de preencher cada segundo), mas também ao nível da articulação dos elementos visuais. Por exemplo, as imagens de vida e de morte, que percorrem todo o filme nunca são simbólicas, como tão pouco são abstratas e simbólicas a figura da mãe ou a cerimónia na igreja. Passando sempre do passado ao presente, do que é desejado ao que é obtido, do geral ao particular (note-se a nitidez com são desenhados os personagens mais secundários), o filme culmina na cena final, entre a mãe e a filha, em que há simultaneamente ruptura e acordo. É esta complexidade narrativa ("*é dito tudo o que é não mostrado e é mostrado tudo o que não é dito*", Delahaye), transmitida com espantosa fluidez e associada a um discreto controle sobre todos os elementos do filme (nada é ostensivo, porém tudo é extremamente sólido) que faz de **Rachel** Rachel um objeto cinematográfico que atravessou perfeitamente bem os trinta anos que passaram desde que foi realizado. Não se trata de uma "experiência", de um filme realizado por um ator célebre, sem verdadeiro motivo. Trata-se de um filme pessoal, irrepetível, realizado com espantosa liberdade e inteligência (a que a *persona* cinematográfica de Newman-ator nem sempre é associada) e também um filme que quase sugere que Paul Newman tem mais aptidões como realizador do que como ator.

Antonio Rodrigues